




Angela Corrêa BORGES *

 <https://orcid.org/0000-0003-1304-6158>


Sandy Ayeska Queiroz SOUZA **

 <https://orcid.org/0000-0003-3689-1645>

Alexandre dos SANTOS ***

 <https://orcid.org/0000-0003-4003-8700>

Marilda Duran LIMA ****

 <https://orcid.org/0000-0001-9346-512X>

Recebido em: 01 de abr. de 2019

Aprovado em: 21 de maio de 2019

CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA DA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SANTA FÉ DO SUL – SP

COSTUMERS' PROFILING FROM A PSYCHOLOGY COLLEGE CLINIC AT THE UNIVERSITY OF SANTA FÉ DO SUL-SP

RESUMO

A clínica-escola do Centro Universitário de Santa Fé do Sul-SP (Unifunec) oferece três serviços psicológicos para a população através dos estágios básicos e específicos nas várias áreas da psicologia, sendo assim, estudos voltados para descrever seus usuários possibilitam a avaliação e adequação dos serviços. Nesse sentido, esta pesquisa tem como propósito, caracterizar os usuários da clínica-escola de psicologia do Unifunec. Utilizou-se a pesquisa documental com delineamento retrospectivo das fichas de triagem no ano de 2017. Os dados foram compostos por 400 fichas e as variáveis sociodemográficas foram constituídas por sexo, idade, escolaridade, estado civil, a relação das principais queixas com o sexo e, respectivamente, com a idade, de onde foram encaminhados esses usuários para os serviços oferecidos da clínica e como se deu o encerramento dos prontuários. Constatou-se que os atendimentos ocorreram mais com o sexo feminino, com ensino fundamental incompleto, na faixa etária de 20 a 40 anos e as principais queixas foram sintomas relacionados à ansiedade e a problemas familiares.

Palavras-chave: Clínica-escola. Psicologia. Caracterização dos usuários.

ABSTRACT

The University of Santa Fé do Sul (Unifunec) college clinic provides three psychological services to population through basic and specific stages over several psychological fields; therefore, customer-oriented studies make either the assessment or adequacy of them possible. For that matter, this paper aims to describe the costumers from a psychology college clinic at Unifunec. It was used a documentary research with retrospective design of trial records from the year of 2017. Data was comprised of 400 records, and sociodemographic variables were recorded by gender, age, education, marital status, a list of the main complaints regarded to gender and age respectively, where those users were originally from when referred to services provided by the clinic and, how the closure of those records was. It was found that most part of the psychological services were taken by females, with incomplete elementary school, aged between 20 to 40 and the main complaints were regarded to anxiety and family problems.

Keywords: College-clinic. Psychology. Costumers' profiling.

*Graduanda em Psicologia, Centro Universitário de Santa Fé do Sul – SP, Unifunec, angelacborges@outlook.com

** Graduanda em Psicologia, Centro Universitário de Santa Fé do Sul – SP, Unifunec, sandyayeska@hotmail.com

*** Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul – SP, Unifunec, alepsicologo@yahoo.com.br

**** Bibliotecária e Mestre em Ciência da Informação pela Puc de Campinas - SP, mduranlima@yahoo.com.br



1 INTRODUÇÃO

A criação das clínicas-escolas nos cursos de psicologia ocorreu devido à necessidade de executar, na prática, aquilo que foi assimilado em teoria, contribuindo para a formação dos alunos, com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre a demanda da comunidade na qual está inserido e consolidar os conhecimentos teóricos com a prática profissional. O atendimento deve acolher as demandas sociais, políticas e culturais através das habilidades dos estudantes de psicologia em executarem seus conhecimentos teóricos promovendo melhor adequação ao serviço, pois a forma de organização do serviço pode influenciar no processo de atendimento (AMARAL *et al.* 2012; GAUY *et al.* 2015).

Segundo Amaral *et al.* (2012), as clínicas-escolas possuem dois pontos positivos importantes, o primeiro é a possibilidade de os alunos unirem a teoria e a prática e o segundo é que oferece um serviço de psicologia a uma população menos favorecida tendo um papel social de extrema importância.

Com base na necessidade de um atendimento mais eficaz e organizado, é interessante que a triagem faça parte desse serviço. Segundo Cavalheiro (2012), a triagem é uma “porta de entrada” do público atendido na clínica-escola a fim de avaliar a implicação subjetiva diante da demanda, proporcionando um acolhimento inicial que pode estender o atendimento a mais de um encontro, levantando uma hipótese diagnóstica e encaminhando para diferentes áreas de atendimento.

Todo esse processo de atendimento ocorre através de supervisão dos professores pertencentes ao curso “enfaticamente realizadas nos estágios curriculares, momento que o estudante inicia o exercício acompanhado habilidades específicas da profissão, por meio do contato mais próximo com as demandas da comunidade” (GAUY, 2015, p. 545), em que todo processo de intervenção realizado pelos alunos é de responsabilidade do supervisor diante do Conselho de Psicologia sob eventuais denúncias e queixas.

Para isso, os supervisores têm um papel importante, pois são eles que norteiam e trazem uma visão mais ligada com a realidade da profissão baseados na teoria, experiência e ética. Portanto, se faz necessária a confiança entre o supervisor e o supervisionado a fim de que haja o compartilhamento do ocorrido em prática pelo aluno e esse, por sua vez, seja amortecido na transição teoria e prática (GAUY, 2015).

A clínica-escola do Centro Universitário de Santa Fé do Sul-SP (Unifunec) oferece três serviços psicológicos para a população através dos estágios básicos e específicos, são eles:

psicoterapia, psicodiagnóstico e orientação profissional (FORESTO, MOL, [201?]). Os usuários são encaminhados para cada um desses serviços através de um processo de triagem, também realizados pelos alunos. Além dos serviços de psicologia, o centro de reabilitação oferece serviços de fisioterapia e nutrição, possibilitando ao graduando compartilhar experiências em um âmbito multidisciplinar.

A clínica atende gratuitamente os usuários da cidade e região, sendo abrangente a faixa etária, desde crianças até idosos, do sexo masculino e feminino. Os usuários que buscam atendimento na clínica-escola relatam diversas queixas e motivos da procura.

Desse modo, é importante conhecer as características dos clientes atendidos na clínica-escola, pois de acordo com Amaral *et al.* (2012), as pesquisas contribuem para um acolhimento mais positivo dos usuários, uma vez que as investigações visam analisar as demandas e, assim, oferecer sugestões para aprimorar o processo.

Romaro e Capitão (2003) relatam a importância de conhecer a população atendida, para avaliar a eficácia dos atendimentos diante das necessidades. Sendo assim, pretende-se subsidiar o planejamento e a organização do serviço a fim de uma estratégia eficiente nos atendimentos psicoterápicos.

Portanto, este trabalho pretende responder a seguinte questão: Quais as características dos usuários da clínica-escola de psicologia do Unifunec Santa Fé do Sul-SP?

Para isso, tem-se por objetivo, caracterizar os usuários da clínica-escola de psicologia do Unifunec Santa Fé do Sul-SP.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho descritivo com delineamento retrospectivo documental dos prontuários da clínica-escola do Unifunec, onde são realizados os atendimentos do curso de Psicologia. O início dos atendimentos se dá a partir do processo de triagem, no qual é levantada a demanda dos usuários do serviço. Essa triagem é realizada através de formulário padrão e pode ocorrer em uma ou mais sessões, conforme a demanda de cada usuário. Para cada usuário, é aberto um prontuário onde consta toda a história clínica dos atendimentos, dados de identificação, encaminhamentos, queixas, hipóteses diagnósticas, entre outros. Após a triagem, os usuários são direcionados para o serviço indicado.

Foi utilizado um formulário baseado no roteiro de triagem e essas informações foram extraídas e analisadas nos prontuários do ano de 2017. Foram considerados como variáveis: as principais queixas, idade de acordo com o estabelecido por Papalia e Feudman (2013), sexo, escolaridade, estado civil e origem do encaminhamento correlacionados com o encerramento.

O presente trabalho foi autorizado pela coordenação da clínica-escola e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas de acordo com protocolo (CAAE) 55774616.8.0000.5428.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados todos os prontuários que se inseriram no processo no ano de 2017 a partir das fichas de triagem, totalizando 427 prontuários. Destes, 27 foram descartados, por se tratarem de prontuários atendidos em Orientação Profissional ou que não dispunham de ficha, ou ainda, por não obter informações específicas necessárias para os comparativos realizados.

A Tabela 1 apresenta a distribuição de frequência e porcentagem relacionadas ao sexo, mostrando a discrepância pela procura de atendimento entre homens e mulheres.

Conforme exposto, a predominância ocorre no sexo feminino totalizando 70%, enquanto do sexo masculino foram 30%, apresentando diferença de 40%, entre ambos. Porto, Valente e Rosa (2014) mostram que em suas análises realizadas no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA) da Unesp de Assis, a porcentagem de atendimento do sexo feminino foi de 57,1% e do sexo masculino, 42,8%, uma média de atendimentos nos anos de 2008 até 2012.

Campezatto e Nunes (2007), em dez clínicas da Região Metropolitana de Porto Alegre no ano de 2004, dizem que 59,73% dos atendimentos ocorreram com o sexo feminino e, 34,92% com o sexo masculino. Em um levantamento realizado na Clínica-Escola de Psicologia de uma Universidade de Canoas-RS (CLINESP), de 604 pacientes, houve predominância do sexo feminino (62,1%) (MARAVIESKI; SERRALTA, 2011). Assim, todas as pesquisas citadas apresentam predominância de mulheres na busca de ajuda psicológica.

Tabela 1 – Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função do sexo

SEXO	F	%
masculino	120	30%
feminino	280	70%
TOTAL	400	100%

Fonte: Dos próprios autores.

Na Tabela 2, observou-se que a faixa etária de 0 - 20 totaliza 41,5%, de 20 – 40 representa 27,75%, de 40 – 65 e +65 evidencia 30,75% da clientela atendida nesse período. Estes dados corroboram com os apresentados na pesquisa de Campezzatto e Nunes (2007), em que 43% dos atendidos foram de 0 – 20 anos, 28,98% que representam a faixa etária entre 21 – 40 e 22,26% que correspondem à idade entre 41 e +60 anos.

Na pesquisa de Campezzatto e Nunes (2007), em 5,77% dos prontuários não há indicação de idade, tal fato não ocorreu nesta pesquisa uma vez que foram realizados cálculos a partir da data de nascimento para obter a idade.

Tabela 2 - Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função da idade

IDADE	F	%
0 – 3	0	0,00%
03 – 06	15	3,75%
06 – 11	56	14,00%
11 – 20	95	23,75%
20 – 40	111	27,75%
40 – 65	95	23,75%
+65	28	7,00%
TOTAL	400	100,00%

Fonte: Dos próprios autores.

De acordo com a Tabela 3, a frequência do fundamental incompleto é de 38,25%, fundamental completo 3,5%, médio incompleto 14,25% e do médio completo de 17,25%. Observa-se que a maioria dos atendimentos nas clínicas-escolas foi de usuários entre 20 – 40 anos, 27,75% (Tabela 2) e, então, pode-se dizer que a maioria dos usuários nessa idade não concluiu o ensino médio (Tabela 3).

Em relação ao índice de superior completo é de 12% (Tabela 3), Justen *et al.* (2010) em um estudo realizado na clínica-escola paranaense, mostraram um índice de 2,4% de superior completo. Segundo a pesquisa de Souza, Santos e Vivian (2014), realizada em uma clínica-escola da Região Metropolitana de Porto Alegre, o período entre 2008 e 2012, 24,7% representa o ensino fundamental incompleto, 5,9% o fundamental completo, 14,0% o médio incompleto e 37,6% o médio completo. Isso mostra que o nível de escolaridade dos usuários da clínica-escola do Unifunec é inferior se comparado com as pesquisas de Souza, Santos e Vivian (2014) e Justen *et al.* (2010), uma vez que a maioria dos usuários tem entre 20-40 e o ensino fundamental incompleto. Resultado semelhante apresentou a pesquisa de Santos, Freitas e Rodrigues (2015), em que 33,2% da clientela atendida também possuem fundamental incompleto.

Tabela 3 – Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função da escolaridade

ESCOLARIDADE	F	%
analfabeto	1	0,25%
pré-escola	16	4,00%
fundamental incompleto	153	38,25%
fundamental completo	14	3,50%
médio incompleto	57	14,25%
médio completo	69	17,25%
superior incompleto	37	9,25%
superior completo	48	12,00%
pós completo	1	0,25%
não especificado	4	1,00%
TOTAL	400	100,00%

Fonte: Dos próprios autores.

Na Tabela 4, a maior frequência ocorre em solteiros 52% e 35% são casados ou em relação estável. Observa-se que a maior parte dos usuários está entre as idades de 11 – 65, então a quantidade de pessoas solteiras é elevada. De acordo com Campezzatto e Nunes (2007), os solteiros são 17,37% dos casos analisados, os casados/união estável são 18,2%, os separados/divorciados 5,12%, neste trabalho, os separados/ divorciados correspondem a 9%.

Tabela 4 - Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função do estado civil

ESTADO CIVIL	F	%
solteiro	208	52,00%
casado	115	28,75%
separado	10	2,50%
divorciado	26	6,50%
relação estável	25	6,25%
viúvo	16	4,00%
TOTAL	400	100,00%

Fonte: Dos próprios autores.

Conforme tabela 5, é possível observar que o setor que mais encaminha usuários para a clínica-escola do Unifunec é o da saúde, com 44,5%. Essa informação difere da pesquisa de Louzada (2003), em que apenas 15,5% dos usuários foram encaminhados pelo setor da saúde. Possivelmente, isso ocorre devido à demanda reprimida pela falta de atendimento psicológico no âmbito da saúde de Santa Fé do Sul e região. Em seguida, é possível notar que a demanda espontânea é a segunda mais utilizada pelos usuários, com 40,75%, porém, na pesquisa de Louzada (2003), 43,3% dos usuários procuram a clínica espontaneamente, sendo o principal meio de busca, dado que difere da atual pesquisa.

De acordo com Souza, Santos e Vivian (2014), a principal forma de encaminhamento é a espontânea, com 58,2% dos casos, dado que também mostra uma discrepância se comparado com os da clínica-escola do Unifunec, com 40,75% sendo o segundo meio mais utilizado.

Tabela 5 - Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função do encaminhamento

ENCAMINHAMENTO	F	%
Espontânea	163	40,75%
Saúde	178	44,50%
Educação	24	6,00%
assistente social	4	1,00%
Outros	11	2,75%
não especificado	20	5,00%
TOTAL	400	100,00%

Fonte: Dos próprios autores.

Como se pode observar, a tabela 6 indica que a desistência, com 71,50%, foi o encerramento mais encontrado nos documentos analisados na presente pesquisa. Segundo Campezzato e Nunes (2007), abandonou os atendimentos um total de 38,21%, observando então que essa informação não corrobora com o universo da clínica-escola do Unifunec em 2017.

No trabalho de Campezzato e Nunes (2007), aqueles que estão em atendimento ou em lista de espera somam 46,49%, sendo que, nesta pesquisa, os ativos são representados por 17%, dado que difere substancialmente. Porém, os usuários que receberam alta no trabalho de Campezzato e Nunes (2007) foram 15,79% e, na presente pesquisa, foram 10,75%, dados que se aproximam.

Souza, Santos e Vivian (2014), em sua pesquisa, trazem a desistência com 56,3%, como o principal encerramento dos atendimentos, dado similar à pesquisa realizada na clínica-escola do Unifunec. Nesta mesma pesquisa já citada, altas são representadas por 23,4% sendo o segundo encerramento mais frequente, enquanto que, na presente pesquisa, é de 10,75%, dado que difere da pesquisa realizada.

Tabela 6 - Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função do encerramento

ENCERRAMENTO	F	%
Desistência	286	71,50%
Ativo	68	17,00%
conclusão/ alta	43	10,75%
encerramento do semestre	3	0,75%
TOTAL	400	100,00%

Fonte: Dos próprios autores.

De acordo com a presente pesquisa, a idade de maior prevalência foi a de 20-40, com 27,75% (Tabela 2) e, dentro dessa faixa etária, os usuários do sexo masculino apresentam como principais queixas sintomas relacionados à ansiedade (20%) e irritabilidade (10%) (Tabela 7). Pode-se observar que usuários do sexo feminino, dessa mesma faixa etária, evidenciam como principais queixas sintomas relacionados à ansiedade 13,57% e problemas familiares 11,56% (Tabela7).

Segundo a pesquisa de Porto, Valente e Rosa (2014), o sexo de maior incidência na idade adulta foi o feminino e a queixa de maior ocorrência foi ansiedade/ insegurança com uma frequência de 158, dado que valida as informações do universo da clínica-escola do Unifunec.

De acordo com a pesquisa de Justen *et al.* (2010), o sexo feminino com 63,5% foi o de maior ocorrência e a faixa etária de maior surgimento foi a de 21 a 40 anos com 32%. Nesta pesquisa, as queixas que mais surgiram foram dificuldades nas relações familiares com 15,3%, depressão/ tristeza com 14% e ansiedade/ insegurança com 13,1%. Esses dados mostram algumas semelhanças com a presente pesquisa no que diz respeito às queixas apresentadas.

Outras idades que seguem de maior prevalência (Tabela 2) são de 11-20 e 40-65 com 23,75%. Na tabela 7, os usuários dentro da faixa etária de 11-20 do sexo feminino trazem como queixas problemas familiares com 13,11% e sintomas relacionados à ansiedade com 9,02%. Indivíduos do sexo masculino desta mesma faixa etária trazem como principais queixas sintomas relacionados à ansiedade com 17,81% e problemas familiares com 12,33%. É possível observar que as queixas apresentadas pelos dois sexos são as mesmas, porém muda a frequência entre elas. Na pesquisa de Porto, Valente e Rosa (2014), as queixas que adolescentes trouxeram com maior constância foram relações familiares com uma frequência de 30 e ansiedade/ insegurança com uma frequência de 27, dados que corroboram com a atual pesquisa.

Já a faixa etária de 40-65 traz como principais queixas femininas problemas familiares com 13,74% e tristeza com 7,69%. As principais queixas masculinas com maior prevalência foram sintomas relacionados à ansiedade com 11,11% e problemas conjugais com 8,89% (Tabela 7). Na pesquisa de Louzada (2003), a queixa de maior frequência foi o nervosismo com 24 ocorrências e problemas de aprendizagem com 12, dados que não se assemelham com a presente pesquisa.

Tabela 7 - Distribuição de frequência (F) e porcentagem (%) em função das queixas

RELAÇÃO FEMININA				RELAÇÃO MASCULINA			
IDADE	QUEIXA	F	%	IDADE	QUEIXA	F	%
03-06	queixas familiares	4	57,14%	03-06	queixas familiares	4	21,05%
	comportamentos agressivos/ agitação psicomotora	2	28,57%		comportamento opositor	4	21,05%
	problemas de ajustamento	1	14,29%		comportamentos agressivos	3	15,79%
					dificuldade de atenção	3	15,79%
Outros	5	26,32%					
Total	7	100,00%	Total	19	100,00%		
06-11	queixas familiares	18	28,57%	06-11	queixas familiares	9	23,68%
	comportamento opositor	5	7,94%		Ansiedade	6	15,79%
	Ansiedade	4	6,35%		comportamentos agressivos	5	13,16%
	queixas escolares	4	6,35%		comportamento opositor	3	7,89%
	Irritabilidade	4	6,35%		agitação psicomotora	3	7,89%
	Outros	28	44,44%		Outros	12	31,58%
Total	63	100,00%	Total	38	100,00%		
11-20	queixas familiares	16	13,11%	11-20	Ansiedade	13	17,81%
	Ansiedade	11	9,02%		queixas familiares	9	12,33%
	Automutilação	7	5,74%		comportamentos agressivos	7	9,59%
	comportamentos agressivos	6	4,92%		Automutilação	4	5,48%
	insônia	6	4,92%		queixas escolares	4	5,48%
	Outros	76	62,30%		Outros	36	49,32%
Total	122	100,00%	Total	73	100,00%		
20-40	Ansiedade	27	13,57%	20-40	Ansiedade	12	20,00%
	queixas familiares	23	11,56%		Irritabilidade	6	10,00%
	problemas conjugais	18	9,05%		problemas conjugais	5	8,33%
	Irritabilidade	15	7,54%		queixas familiares	5	8,33%
	Tristeza	15	7,54%		crise de pânico	3	5,00%
	Outros	101	50,75%		Outros	29	48,33%
Total	199	100,00%	Total	60	100,00%		
40-65	queixas familiares	25	13,74%	40-65	Ansiedade	5	11,11%
	Tristeza	14	7,69%		problemas conjugais	4	8,89%
	Depressão	13	7,14%		Tristeza	4	8,89%
	Ansiedade	12	6,59%		Adicção	3	6,67%
	Luto	10	5,49%		queixas familiares	3	6,67%
	Outros	108	59,34%		Outros	26	57,78%
Total	182	100,00%	Total	45	100,00%		
+ 65	queixas familiares	8	18,18%	+ 65	Luto	3	21,43%
	Tristeza	7	15,91%		queixas familiares	2	14,29%
	problemas conjugais	4	9,09%		Ansiedade	2	14,29%
	Desânimo	3	6,82%		Tristeza	2	14,29%
	Ansiedade	3	6,82%		insônia	1	7,14%
	Outros	19	43,18%		Outros	4	28,57%
Total	44	100,00%	Total	14	100,00%		

Fonte: Dos próprios autores.

As demandas de maior ocorrência são ansiedade no sexo masculino com 15,48% e queixas familiares no sexo feminino com 15,24%. Na pesquisa de Fernandes, Silveiras e Miyazaki (2017), as principais queixas são ansiedade com 30,1% nas crianças e adolescentes e queixas somáticas com 40,5% nos adultos, dados que não corroboram com a atual pesquisa.

4 CONCLUSÃO

Os usuários da clínica-escola do Unifunec são em sua maioria do sexo feminino, com idade entre 20 e 40 anos, com as demandas de ansiedade e queixas familiares, já no sexo masculino, a maior demanda foi ansiedade. As características mais predominantes encontradas na pesquisa foram uma maior incidência de escolaridade do ensino fundamental incompleto e estado civil solteiro. Os encaminhamentos com maior frequência foram dos setores da saúde e por demanda espontânea, o maior índice de encerramento se deu através de desistência. Diante dessa informação, sugere-se uma investigação para identificar os motivos de desistências e assim conseguir intervir de maneira efetiva nessa situação.

É possível observar uma lacuna na área de psicoterapia familiar, pois não há um atendimento na clínica-escola voltado a essa questão. Como se trata de uma demanda significativa, seria interessante analisar a viabilidade da implantação desta modalidade de atendimento, através de um segmento prático na disciplina orientação e intervenção familiar para suprir essa necessidade.

Em relação às dificuldades observadas durante a coleta dos dados, ressaltam-se a falta de padronização no preenchimento dos dados de identificação das fichas de triagem e na organização dos prontuários, tanto internamente, quanto na arquivagem. Também se perceberam uma duplicidade na numeração dos prontuários e no arquivamento de um mesmo prontuário em mais de uma pasta.

Sugerimos uma informatização dos dados cadastrais dos usuários para evitar possíveis erros e problemas de organização, como a utilização dos prontuários unificados em todos os serviços oferecidos pela clínica-escola. Também sugerimos uma padronização do arquivo desses prontuários e orientação mais detalhada do preenchimento das informações na ficha de triagem, como também na organização interna de cada prontuário.

Apesar das dificuldades encontradas durante a pesquisa, destaca-se a importância do trabalho docente diante dos atendimentos realizados na clínica-escola perante a comunidade

local e toda a região, sendo esse um serviço de grande auxílio à população frente à necessidade de atendimentos psicológicos, pois se percebe uma procura significativa pelos serviços ali prestados.

Sugere-se que, em estudos futuros, as pesquisas sejam voltadas para aspectos que não foram incluídos neste trabalho como hipótese diagnóstica, abordagens utilizadas na clínica-escola e atendimentos infantis, pois a abrangência de informações das fichas de triagem abre espaço para mais pesquisas nesse contexto.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. E. V. *et al.* Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. **Bol. Psicol.**, São Paulo, v. 62, n. 136, p. 37-52, jun.2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CAVALHEIRO, N. C. *et al.* Triagem interventiva: a caracterização de uma demanda. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 3-16, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar.2018.

CAMPEZATTO, P. M.; NUNES, M. L. T. Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 376-388, 2007a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2018.

FERNANDES, L. F. B.; SILVARES, E. F. de M.; MIYAZAKI, M. C. de O. S. Caracterização da população atendida em ambulatório de psicologia da saúde de um hospital-escola. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 145-156, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FORESTO, D. R.; MOL, D. A. R. **Manual de estágio curso de psicologia**. Santa Fé do Sul-SP, [201?]. p 4,5.

GAUY, F. V. *et al.* Perfil dos supervisores de psicologia em serviços-escola brasileiros. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 543-556, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200543&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2018.

JUSTEN, A. *et al.* Identificação da população atendida no centro de psicologia aplicada da universidade paranaense. **Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 14, n. 3, p. 197-209,

set. /dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v14i3.2010.3661>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LOUZADA, R. de C. R. Caracterização da clientela atendida no Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo. **Estud. Psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 3, p. 451-457. dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 ago.2018.

MARAVIESKI, S.; SERRALTA, F. B. Características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de Psicologia. **Temas de Psicologia**, v.19, n.2, p.481-90, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200011. Acesso em: 20 jul. 2018.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. F. **Desenvolvimento humano**.12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PORTO, M. A.; VALENTE, M. L. L. de C.; ROSA, H. R. A construção do perfil da clientela numa clínica-escola. **Bol. Psicol**, São Paulo, v. 64, n. 141, p. 159-172, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432014000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2018.

ROMARO, R. A.; CAPITAO, C. G. Caracterização da clientela da clínica-escola de psicologia da Universidade São Francisco. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 111-121, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872003000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 ago. 2018.

SANTOS, C. da S.; FREITAS, M. L. S.; Rodrigues, V. D. Perfil dos pacientes atendidos no setor de psicologia em uma clínica-escola. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v.19, n. 202, mar. 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd202/perfil-dos-pacientes-no-setor-de-psicologia.htm>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SOUZA, F. P. de; SANTOS, D. de F. G.; VIVIAN, A. G. Motivos da busca de atendimento psicológico em uma clínica escola da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS: pesquisa documental. **Aletheia**, Canoas, n. 43-44, p. 24-36, ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 jul. 2018.

